

As remessas estão na mira*

Silvio Caccia Bava

Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e presidente da Associação Latinoamericana de Organizaciones de Promoción (ALOP)

Publicado em: 17/10/2006 *Estudos recentes identificam que os custos atuais de conversão de moedas e de transferência podem chegar a 20% do total. Uma outra perversidade do modelo atual.* As políticas econômicas neoliberais dos anos 90 destruíram uma enorme quantidade de postos de trabalho nos países da América Latina, assim como em outras partes do mundo, e forçaram a emigração de muitos milhões de pessoas que para sobreviver buscaram trabalho, muitas vezes precário e ilegal, nos países mais ricos do planeta.

Os fluxos migratórios têm se mantido constantes e crescentes. Em 1970 os migrantes eram 82 milhões. Em 2000 já somavam 175 milhões. Hoje são 200 milhões de pessoas no mundo inteiro. 41 milhões vivem nos EUA. 56 milhões vivem na Europa.

Essas migrações são um processo duplamente perverso do ponto de vista dos direitos humanos. Os migrantes são expulsos de seus países por falta de trabalho, e acolhidos como trabalhadores precários, muitas vezes ilegais, com baixos salários e sem direitos trabalhistas, nos países desenvolvidos.

Com um crescimento demográfico negativo e uma população local cada vez mais velha, a Europa precisa dos imigrantes para garantir o seu crescimento econômico. De 1990 a 2000, os imigrantes correspondem a 89% do crescimento demográfico europeu. É por esta razão que 62,5 % dos trabalhadores da agricultura na Itália são imigrantes clandestinos. Ou que a Espanha tenha recebido mais de 1 milhão de imigrantes por ano nos últimos anos para sustentar seu crescimento econômico. Da América Latina, os principais contingentes que vão para a Espanha, por exemplo, são equatorianos, colombianos e peruanos. Em geral, estes trabalhadores são destinados para a agricultura, a exploração de minérios, o trabalho doméstico, serviços diversos como hotéis, restaurantes, cafés, comércio, transportes, limpeza.

A intensificação das migrações levou ao surgimento de um fenômeno de importância crescente, que é a existência de famílias transnacionais. Estes laços familiares, associados à pobreza crescente em seus países de origem, têm feito das remessas dos migrantes um recurso fundamental para a sobrevivência de muitos milhões de latino-americanos, para ficarmos apenas em nosso continente. Hoje se estima que 25 milhões de latino-americanos vivem e trabalham fora de nosso continente e remetem algo como US\$ 46 bilhões ao ano para suas famílias. Seu principal destino são os EUA e a Europa. Se considerarmos famílias de 4 a 5 pessoas, os latino-americanos que dependem destes recursos de seus familiares que trabalham no exterior são em torno de 100 milhões de pessoas, pouco menos que 20% da população total. Em alguns países estas remessas se tornaram a principal fonte de receita, como na Nicarágua ou El Salvador, onde representam de 12% a 16% do PIB.

Os valores destas remessas crescem a cada ano. O Banco Mundial estima em US\$ 72 bilhões

em 2001, US\$ 80 bilhões em 2002, US\$ 100 bilhões em 2003, US\$150 bilhões hoje em dia. Esses valores são uma novidade para o sistema financeiro internacional, pois somente a partir de 2002-2003, quando foram modificados os métodos de cálculo para poder identificar remessas de baixos valores, é que foi possível estimar estes novos montantes. A partir daí cresce a cada dia o interesse do sistema financeiro internacional pelas remessas.

Estudos recentes identificam que os custos atuais de conversão de moedas e de transferência podem chegar a 20% do total. Uma outra perversidade do modelo atual. E que menos de 10% dos beneficiários destas transferências têm conta bancária. A partir destas análises o BID propõe abrir contas para os pobres que recebem remessas, permitindo um sistema de transferências eletrônico ou digital com custos mais reduzidos, assim como a utilização de parte destes recursos como garantia para hipotecas ou micro-crédito, por exemplo. Mesmo que estes custos de transferência reduzam-se substancialmente e cheguem a 5%, por exemplo, eles ainda significariam algo como US\$ 7,5 bilhões.

As transações do capital especulativo global, deste “dinheiro que voa” no sistema financeiro internacional, que soma hoje valores superiores ao trilhão de dólares ao dia, não pagam estas taxas de transferência para irem de uma bolsa de valores a outra em qualquer lugar do planeta. Usar do mesmo critério para tratar as remessas dos migrantes pode permitir uma injeção substancial de recursos para as famílias mais pobres dos países mais pobres. Uma política efetiva de combate à pobreza. Uma política que pode ser assumida como proposta pelo Grupo Piloto Sobre Mecanismos Financeiros Inovadores, que reuniu cerca de 40 representações de governos nacionais em sua última reunião, em Brasília, em julho passado.

*Artigo publicado originalmente no editorial do *Boletim Alop* nº 14 (outubro/2006). Clique [aqui](#) para acessar a versão em espanhol.